

ALGUMAS QUESTÕES IMPORTANTES PARA A COMPREENSÃO DA NOSSA LUTA E DAS NOSSAS TAREFAS

.série de textos.

Verifica-se que muitos dos estudantes que colaboram nos piquetes de greve, que participam nas reuniões gerais de colaboradores, apesar de se empenharem com firmeza em fazer avançar a luta, pouco mais tem que uma visão intuitiva e superficial do seu significado.

E isto diz respeito tanto a colaboradores novos como a colaboradores mais antigos.

É fácil de perceber que isto assim seja. Vários factores concorrem para isso; nuns casos, será a inexperiência, noutros um certo "afogar" nos problemas imediatos a resolver. Mas o resultado consiste em que, de um modo geral, perde-se uma ideia de conjunto da nossa luta, e não se vê como se vai ligar a actual situação com a sua fase seguinte.

É preciso que as batalhas que travamos actualmente contra as autoridades académicas e governamentais, em defesa dos colegas presos e suspensos, se integra claramente na luta por um Ensino ao serviço do Povo; para tal, é preciso que esta luta seja de facto a continuação da luta dos anos anteriores, e prepare a continuação do que será a nossa luta futura.

Esta série de textos polémicos surge pois no sentido de "aspevitir" as pessoas a pensar mais aprofundadamente no significado que tomam as formas de luta actuais, nomeadamente mostrar como de facto a nossa luta tem de adquirir um sentido de continuidade.

Se o que nestes textos se diz está certo ou não, eis o que se terá de discutir.

NESTE NUMERO:

A resposta adequada à Repressão

- a) a natureza da repressão e a continuidade da resposta.....pag 2
- b) a situação do Movimento e a amplitude da resposta.....pag 6

Questões sobre a condução do trabalho associativo.....pag 12

"As lutas dos estudantes nos ultimos dias nas ruas, informando o Povo, gritando slogans anti-coloniais, clamando vingança pela morte de Ribeiro Santos, são lutas não pacifistas em que os reformistas não estão interessados. Elas só poderam ser levadas para a frente porque os estudantes mais activos ultrapassaram a RIA e tomaram a mão do processo"...

in "AOS ESTUDANTES"

24/10/72

LÊ
DISCUTE

TEXTO POLÉMICO n.º 1

A RESPOSTA ADEQUADA À REPRESSÃO

A luta que se desenvolve actualmente na Faculdade é uma luta contra uma investida da repressão, que o Governo desencadeou sobre o movimento estudantil por altura da resposta ao assassinio de Ribeiro dos Santos.

Porém há diversas maneiras de entender esta luta. É preciso que a resposta à repressão seja encarada dentro de uma orientação correcta, não reformista e não "esquerdista", que se guie sempre pelo Objectivo Geral: colocar o Ensino ao serviço do Povo. Só assim lhe daremos a resposta adequada.

a) a natureza da repressão e a continuidade da resposta

A repressão não é nenhum fenómeno isolado; ela não é mais que um aspecto indissociável do conjunto da política governamental.

Na nossa sociedade actual, uma parte minoritária (a burguesia) da população enriquece (de uma maneira ou de outra) à custa da exploração dos trabalhadores, a esmagadora maioria da população; e no entanto, são estes últimos os grandes produtores da riqueza da sociedade.

Este sistema social encerra no seu interior, como é evidente, agudas contradições; o Povo (população trabalhadora) tende naturalmente a sacudir o jugo da exploração, enquanto a minoria privilegiada tenta prolongá-lo. É fácil assim de compreender que o Governo da sociedade, com este sistema social vigente, não só está necessariamente nas mãos dessa minoria, como ainda assenta necessariamente na repressão violenta dos trabalhadores e das suas lutas progressistas.

É por isso que quando os estudantes repudiam um Ensino que está ao serviço da exploração, quando se põem ao lado dos trabalhadores, quando lutam por um Ensino ao serviço do Povo, logo a repressão governamental investe sobre eles.

i. o Estado e a máquina repressiva

Neste sentido, foi criado um aparelho especial que se encontra integral e solidamente controlado por fiéis servidores dos interesses da minoria exploradora, o aparelho de Estado: o exército, polícias, tribunais, Conselhos Escolares, etc. Através deste aparelho a minoria assegura o seu domínio nos diversos sectores vitais da sociedade: a "segurança" (deles), a economia (deles), o Ensino e a Cultura (deles), etc.

A repressão não toma, apenas, o carácter de agressão física; ela efectiva-se nas mais diversas formas, através do peso da legislação, dos regulamentos, da burocracia administrativa e dos seus zelosos "funcionários públicos". Porém, à medida que os olhos se vão abrindo e as lutas do Povo vão tomando um vigor crescente, a burocracia

dá lugar ao cacete e à metralhadora.

No Ensino, as coisas passam-se de uma forma semelhante. Primeiro, é o conteúdo reaccionário das matérias, a forte selecção, os ritmos elevados de encornação, a organização dos cursos segundo as necessidades dos patrões e proprietários "modernizarem" a exploração, a imposição autoritária, a propagação da subserviência em relação à hierarquia (neste caso o professor-todo-poderoso), etc. Depois, se as reacções dos estudantes (que são obviamente "comidos" nos seus interesses imediatos neste estado de coisas) passam dos esquemas de pedir às autoridades as alterações necessárias e esperar pela resposta, à luta consequente na defesa dos seus interesses colectivos e também por um Ensino que sirva o Povo e não os exploradores deste - logo chovem as proibições de informação livre e de reuniões, as suspensões, os processos disciplinares, etc; formas de repressão anteriores dão lugar à violência reaccionária, brutal e generalizada, incluindo a agressão física. Por outro lado isto mostra bem o entrelaçamento do papel das autoridades académicas e governamentais, como atestam as prisões, as cargas da polícia, a presença de pides armados no interior das escolas, e agora mesmo o assassinio, e tudo isto com o "beneplácito régio" cada vez mais descarado dos Conselhos Escolares, ou mesmo da sua iniciativa!

. luta contra a repressão, um objectivo?

De acordo com a sua natureza, a luta contra a repressão não pode ser encarada como um objectivo em si. A repressão fascista é em Portugal (e não só) um corolário do domínio de classe da minoria exploradora, ou seja, da burguesia (tal como o aparelho estatal repressivo fascista); ela existirá, enquanto este domínio perdurar.

Assim como o essencial para o Governo, no que respeita à Universidade, é o Ensino servir os interesses da burguesia, e a repressão não é mais que um auxiliar indispensável dessa sua política de Ensino, também para nós a luta contra a repressão não pode ser mais que um aspecto indispensável do conjunto da nossa luta por um Ensino ao serviço do Povo.

Isto significa que, para quem luta por um Ensino ao serviço do Povo, a resposta imediata à repressão governamental é sempre necessária; mas para travá-la ou fazê-la recuar, afim de poder continuar essa mesma luta - e não para substituir uma por outra ou para espalhar ilusões sobre "extinções imediatas da pide-DGS"(1) e outras tópicas dos reformistas.

. a continuidade da resposta

Compreender isto a fundo leva a perceber porque a nossa greve geral, as nossas formas organizativas nos cursos, os nossos textos, as nossas palavras de ordem da nossa luta actual em defesa dos colegas presos e suspensos, têm de se apoiar nas lutas pedagógicas e culturais do ano passado (ou mesmo de há dois anos) e de se ocupar desde já dos temas principais que provavelmente constituirão os próximos passos da luta

na defesa dos interesses colectivos e por uma Universidade Popular, logo que esta fase termine.

Quer isto dizer que nós devemos pulverizar a actual mobilização unitária, dispersando a atenção das pessoas pelos problemas de cadeiras, cursos, etc? Claro que não. Isso seria liquidar a luta actual (como fizeram os reformistas), e aliás comprometer também a seguinte. O ponto central das atenções da luta e da organização deve ser a situação da malta presa e suspensa, a pressão junto às autoridades (ex: concentrações junto ao CE), a generalização da luta nas outras escolas.

A questão é outra; trata-se de fornecer um substracto à luta. Nós não somos reformistas, e por isso não temos ilusões quanto aos resultados de centrar a mobilização actual numa base moral; mas também não é unicamente editando textos e promovendo discussões de análise política do significado da repressão, assim como concentrações frente ao CE, etc, que se leva a cabo a consolidação do movimento indispensável para impedir o esboroar da greve com o tempo. Isso é uma coisa que se consegue sabendo integrar cada fase da luta na seguinte.

Concretizemos:

A prioridade é para as lutas actuais: mobilizar para os piquetes, para as concentrações, para os plenários, etc - informar (os estudantes e a população) da situação da malta presa e suspensa, da situação da luta interna e das outras escolas, das circunstâncias do assassinio e das lutas que se seguiram, etc - perspectivação do significado da greve, das razões próximas e de fundo da actual investida repressiva, do papel da repressão fascista, do papel das autoridades académicas nessa repressão, etc - organizar massivamente os estudantes em torno destas tarefas.

Mas quando as aulas voltarem, não vamos nós enfrentar os problemas da Física Laboratorial, das Faltas, dos Testes; da afixação de matéria, da época de Outubro, do Rô meu Ramos e outros profs-polícias, dos contínuos-pides, etc? não vamos ter pela frente os processos disciplinares?

Em relação a estes últimos, é preciso compreender que o que é possível é forçar os seus resultados a irem para uma gaveta (como no caso do Técnico de há uns anos, Direcção Sacramento) ou pelo menos a uma amplitude praticamente nula; já não podemos ignorá-los, assim como as suas acusações. Isto implica que se adquira força para erguer de novo uma luta eficaz (greve geral nomeadamente), perante alguma tentativa das autoridades em levarem a sua farsa dos processos até ao fim.

Precisamos pois prepararmos as fases seguintes da luta. Embora em plano secundário, devemos abordar a resolução destes problemas, tendo o cuidado de o fazer de forma a articular com os pontos de mobilização imediata.

Interessa sobretudo:

1- esclarecer a malta nova das lutas anteriores, e dos prováveis problemas que vai enfrentar.

2- montar os embriões da futura estruturação das comissões de curso.

3- definir em traços gerais as futuras formas de luta a adoptar.

Por exemplo, temos a questão importantíssima dos processos disciplinares. As acusações tocam, além das "interrupções" recentes de aulas, as questões do Passos Coelho, Algebra Linear, Romeu Ramos; para que a defesa seja sólida, é preciso que assente na compreensão clara da parte dos estudantes do que foram essas lutas, o que significaram, porque pretendem as autoridades utilizarem-nas como pretextos. Se é imprescindível fazer isso (até no imediato), porque não fazer sair Improps suplementos de curso? Procedendo assim conseguimos: 1º lugar, com ponto de partida nas acusações, esclarecer a malta nova (e relembrar aos restantes) das lutas anteriores e das perspectivas da sua continuação a nível de curso (ou mesmo geral), 2º lugar, mobilizar as primeiras equipas de Improp de curso - recolha de dados, discussão deles, redacção, distribuição, recolha de críticas e opiniões.

Outro exemplo é o tratamento dos profs-polícias, nomeadamente o Romeu Ramos. A partir da explicitação do seu papel nos act. processos disciplinares, proceder a uma extensa e pormenorizada campanha de esclarecimento sobre a sua conduta na generalidade, culminando com a tomada de decisões pelos cursos respectivos sobre os tipos. (por ex, decisão de boicote, ou de não matrícula nas suas aulas). Assim conseguiremos também os três pontos focados.

Outros exemplos são também visíveis. É o caso de reuniões de curso adoptarem decisões sobre a resolução do problema das afixações de matérias, faltas, etc. É o caso da expulsão física de pides como o MANEL, no decorrer de uma reunião de massas (a ex. do que foi feito a um contínuo pide de Económicas no ano passado). É o caso da constituição de equipas técnicas para as folhas, a par com decisões sobre os professores que dão as folhas aos SS (Serviços Sociasi) e com a necessidade de colectas para a informação. É o caso de a partir da denúncia dos furas focar o caso dos furas de Laboratorial - e adoptar em reuniões de curso decisões sobre os tipos e a questão da Laboratorial.

. a consolidação da luta, ou a dispersão

Tomar como isto a dispersão da luta, e o seu consequente enfraquecimento, é estar a virar o problema às avessas. Uma greve deste tipo (em que há possibilidades de ser prolongada, e ameaças constantes de suspensões) se não for orientada deste modo, suceder-lhe-á provavelmente o seguinte: grande número de estudantes irá para casa, a camada de estudantes mais combativos vai começando a deixar de comparecer nas concentrações e nos piquetes. Por um lado, o vigor da luta amortece, e os estudantes perdem a sua vida colectiva e ficam sujeitos individualmente às mais diversas pressões (familiares, nomeadamente); por outro lado, na Faculdade ficam apenas os piquetes e... os furas organizados, os fascistas da FU, etc. que não hesitarão em provocar distúrbios, sentindo as costas quentes pela ameaça de suspensões sobre um piquete isolado.

Orientar a greve dentro do esquema anterior, pelo contrário, tem mais chances de preservar a vida colectiva dos estudantes e manter a sua mobilização, destroçando

assim duma vez as manobras das suspensões e dos fascistas (furas profissionais); pois uma das consequências será o reforço dos piquetes. Lembremo-nos que os piquetes fortes criam-se a partir da presença de estudantes na Faculdade por outras razões quaisquer - e não a partir da convocação única e simples de aparecer na Faculdade para os piquetes.

Há ainda que compreender que os problemas existem, quer a gente queira abordá-los ou não. Não se poder, e evitar que as pessoas se comecem a preocupar com todas essas questões, e pelo contrário, será não os abordando e colocando no seu devido lugar secundário, que teremos uma pulverização da greve.

Em síntese : o aspecto principal da nossa luta começa por ser a revolta pelo assassinio dos criminosos da pida; mas não teve essa luta simultaneamente um aspecto secundário, a que era necessário dar atenção? Tinha: era preparar a defesa dos colegas presos (2) , sem no entanto sobrepor, como os reformistas queriam, essa preparação à luta que se travava.

Esse aspecto secundário passou agora a principal (alias cedo demais, por culpa desses traidores) e o centro da nossa luta é actualmente a defesa da malta atingida pela repressão. Ora também neste instante o aspecto principal coexiste com um aspecto secundário: As lutas dos cursos referidas. De igual modo, a preparação destas lutas não se deve sobrepor actualmente à resposta à repressão (como fizeram os reformistas, nomeadamente em Economicas); pois isso não só afogaria a luta presente como compromete a sua próxima fase.

Mas é o dar-se atenção à preparação dessa próxima fase que permite evitar uma quebra brusca na mobilização, evitar um recomeço do zero; por outras palavras, permite a consolidação da luta.

b) a situação do movimento e a amplitude da resposta

Quando se trata de determinar quais as formas e as proporções que deverá assumir a luta perante uma investida da repressão, para que a resposta seja adequada, há que olhar a dois pontos: a situação do movimento, e as próprias formas e proporções que a repressão tomou.

A resposta adequada é aquela que faz travar ou mesmo recuar a repressão, e permite continuar a luta em boas condições. As formas e proporções da investida repressiva, é um dado observável em cada caso concreto. Já o problema da "situação do movimento" é mais complexo, e exige uma concretização.

... as contradições inerentes à repressão

"a repressão ao surgir, gera consigo condições da sua própria destruição."

(citação do "trabalho federativo e a questão do Comercial e do Industrial")

(2) - ver moção do RIBTESPA nesse respeito

A situação do movimento não é estática. Embora, como é bem evidente, não se possa alterar substancialmente de um dia para o outro, isso não significa que não haja uma margem (razoável em certos casos) de modificações possíveis quanto a mobilização, pois que estas modificações se produzem muitas vezes em saltos bruscos.

A repressão, ao desencadear-se, gera um certo potencial de mobilização. Cabe à vanguarda(3), através do seu trabalho, transformar esse potencial em mobilização efectiva, em luta.

Saber resolver correctamente a questão que se segue, é de importância vital para as Associações de Estudantes: perante uma situação concreta repressiva, quais são as formas e proporções de luta que a vanguarda deve fazer tudo para que se consiga atingir? Que amplitude pode esta luta alcançar?

A medida desta amplitude encontram-na as AAEE precisamente na repercussão que a investida repressiva pode ter de imediato nas massas estudantis. De notar que dizemos "pode ter" e não "tem"; isto pelo que dissemos atrás quanto ao papel a desempenhar pela vanguarda.

Se a resposta for mais fraca do que o que esse potencial permitiria prever, o Governo não deixará de aproveitar a ocasião para desferir mais uns quantos golpes, pela impunidade que antevê. Se a vanguarda se lança nas AAEE a uma resposta mais forte do que a que as amplas camadas intermédias (4) poderiam seguir, isola-se... e este segundo caso acaba por se resumir ao primeiro.

.o caso do assassinio

Concretizemos. O cobarde assassinio do Ribeiro Santos, apesar de ter sido um acto político (ou aliás precisamente por o ter sido), não criou um potencial enorme de resposta? Não era possível unir milhares e milhares de estudantes através das diferentes formas de manifestar a sua revolta, durante um razoavelmente largo período de tempo? apesar das manobras intimidatórias? Era

E não haver tal resposta, através das suas várias formas (política, associativa) seria, em primeiro lugar abri- um gravíssimo precedente: um estudante, nomeadamente dirigente associativo, é morto, nomeadamente dentro da Universidade - mas os pides continuariam cheios de saúde e a "ordem" da violência fascista não seria seriamente abalada; o terrorismo nazi estar-se-ia instalando impunemente na Universidade!

Mas seria também, e em segundo lugar, deixar à repressão caminho aberto. "Se assassino um estudante, inclusive dirigente associativo, e não se levantam as massas estudantis contra mim, como seria de prever" - raciocinaria o Governo - "porque se haveriam elas de erguer se eu agora prender todos os estudantes incómodos, de entre os que andam a lutar por um Ensino ao Serviço do Povo, é consequentemente a dificultar a imposição da minha reforma? Não há nada como aproveitar a maré".

Ora na realidade, não houve exactamente tal resposta. E não houve fundamentalmente por duas razões, de resto interligadas: a influência grande que os "dirigentes"

(3) - Conjunto de estudantes associativos activos neste caso

(4) - estudantes despolitizados, normalmente passivos mas não comprometidos definitivamente com a classe burguesa de origem.

traidores reformistas ainda disfrutem para as suas manobras, e o atraso organizati-
vo dos progressistas consequentes. Mas não é isso agora que interessa para aqui.

O que interessa é que ainda houve alguma resposta. Ainda foram alguns (muito poucos) milhares os estudantes que manifestaram activamente a sua resposta. Pelo menos certos sectores da população foram devidamente informados e apoiaram calo-rosamente a indignação dos estudantes. E tudo isto preocupou seriamente o Governo, e travou-lhe um bocado a ofensiva repressiva; mas não o suficiente.

E por isso aqui temos provisoriamente a situação actual: contínuos-pides a fazer ameaças com navalhas, polícia e pides em cercos ou no interior das Faculdades, dezenas de prisões, suspensões, etc.

. as raízes da situação actual

Contrariamente ao que muitos pensam, por verem as coisas só à superfície, em ta situação actual repressiva não existe porque houve a luta contra o assassinio do Ribeiro dos Santos; é verdade que essa luta precipitou os acontecimentos, mas não é a sua verdadeira causa.

Isso é aliás em muitos casos fácil de prever. Veja-se os inquéritos do ano passado aos tipos da direcção da AEIST (e actualmente presos) os mandatos anteriores da direcção de Ciências, o verdadeiro fulcro das acusações de muitos dos proce-
ssos disciplinares de Ciências e dos impedimentos de matrículas do Industrial (que assentam em coisas antigas). Veja-se a própria prisão da direcção da CPA de Medici-
na, que não mexeu uma palha nesta luta... e ainda o facto de praticamente a totali-
dade das pessoas presas na rua no dia do funeral, já terem sido soltas.

Pelo contrário, devemos o carácter provisório da actual situação repressiva,
ou seja, a possibilidade que ainda temos através da nossa luta actual, de fazer re-
cuar grandemente esta ofensiva repressiva pré-concebida, ao facto de ter havido a-
inda uma certa resposta ao assassinio.

É fundamental para a nossa luta actual que todos os colaboradores se aperce-
bam bem disto.

É dessa forma, tendo o cuidado de apreciar cientificamente a questão da re-
pressão que se pode compreender a importância extraordinária (5) que teve todo o
trabalho de mobilização para a luta logo após o assassinio.

. audácia ou aventureirismo (as incompreensões dos es-
querdistas)

É também por isso que os "esquerdistas" ficaram espantados, ao verem que aque-
les que ainda ontem recusavam e desmascaravam o oportunismo das suas famosas
acções "audaciosas" de quadros (diga-se aventureiros), eram agora os primeiros a a-
vançar com firmeza, e os últimos a recuar quando se gerava o pânico (ex: meeting
de Direito). E então diziam (e dizem): "é uma viragem!"

Claro que para os "esquerdistas", que ainda no meeting em Direito (13 de Out.)

(5) - apesar de ter tido, evidentemente, certas deficiências, como vêm por exem-
plo apontado na inq. do RICTESP

gritavam que a luta era "só para a frente", "não há recuos" e menos prezavam abertamente a nítida necessidade de mobilizar muitos mais estudantes - pois que eram milhares os que o podiam ser - e de organizar devidamente esse trabalho de mobilização, é difícil de compreender a diferença que vai entre a audácia com o apoio das massas (incluindo as camadas intermédias), da população e que se dirige à sua mobilização, e as "acções audaciosas de quadros" (aventuras) que se marimbam abertamente para o apoio dessas amplas camadas - e que ainda por cima se pretendem levar a cabo com base nas AAEF, estruturas de massas.

No entanto, é preciso que se faça a justiça de observar que muitos "esquerdistas" já aprenderam (na prática, pelo menos) o significado de "recuar para poder avançar" (aprendizagem que começou aliás logo nesse mesmo meeting do Direito...) adoptando muitos deles um comportamento aceitável, que facilitou substancialmente a unidade na acção.

Mas também não é isso que agora importa aqui.

. as ditas respostas "taco a taco"

Interessa mais apreender as perspectivas erradas do "esquerdismo" quanto à luta contra a repressão. A questão das acções "audaciosas" de quadros são um bom exemplo disso, e inscrevem-se na teoria da chamada "resposta taco a taco" à repressão.

- Como todas as teses "esquerdistas", esta assenta num ponto: o menosprezar das amplas camadas intermédias de estudantes, a sua falta de confiança no potencial de mobilização que esta camada possam representar.

- Ela é também fruto de uma apreciação unilateral do problema da repressão: os "esquerdistas" só olham para a necessidade de resposta, de fazer ao Governo "pagar um preço político" por cada investida repressiva, para que estas não se multipliquem; medem a amplitude da resposta apenas pela intensidade da repressão, e não pela capacidade de resposta da massa estudantil.

O resultado frequente é que ao lançar-se nas AAEF a acções isoladas, expõem ainda mais vulneravelmente o movimento à repressão.

Veja-se o exemplo do encerramento da Associação de Direito, e a implantação dos peder-gorilas; onde pagou o Governo o tal "preço político"?

- Os "esquerdistas" não conseguem distribuir as diferentes amplitudes e formas de luta que tem de tomar a resposta à repressão, consoante a própria amplitude (e qualidade) da predisposição à luta que a investida da repressão produziu entre as massas. Um assassinio hediondo como o que houve, , cria justamente um potencial de resposta federativa muitos mais amplo, do que por exemplo a permanência de gorilas em Direito e outras situações repressivas existentes na ocasião das propostas "esquerdistas" de acções "audaciosas"... de quadros, para fazer recuar a repressão.

Ora no primeiro caso, o enorme potencial de resposta criado obrigava a que a

única forma de travar a repressão fosse uma mobilização enorme, que perante as manobras intimidatórias exigiria que a vanguarda se lançasse audaciosamente para a frente - e em certas formas superiores de luta. Pretender agir no outro caso, com o mesmo tipo de acções, seria pelo contrário isolar a vanguarda e expô-la ainda mais à repressão.

. o carácter federativo da resposta ao assassinio

Interessa agora extrair deste raciocínio directrizes únicas à luta actual. Temos assim, em primeiro lugar o facto de a luta em resposta ao assassinio ter tido um carácter global, federativo, perfeitamente vincado; ora, tendo as prisões e suspensões actuais como causa próxima esta luta, a defesa daqueles que foram atingidos no seu decorrer assume necessariamente um aspecto global e federativo.

Não proceder à defesa nestes moldes, e considerá-la como pulverizada nas diversas escolas, é dar uma resposta fraca em relação ao potencial inicial de mobilização (provocado pelo assassinio), com todas as consequências nefastas que já foram analisadas.

É claro que esta situação de pulverização corresponde agora a uma quebra muito real da capacidade de mobilização, que difere ainda de escola para escola. Esta situação existe sobretudo pelo refluxo precipitado em que os reformistas lançaram a luta, sabotando as decisões do Plenário e impedindo assim a transformação em luta efectiva de todo o amplo potencial inicial de mobilização.

Mas isto não torna, infelizmente, menos válida a consideração anterior sobre a fraqueza, com todas as consequências perigosas, de uma resposta pulverizada. E é daqui que se pode extrair que uma das tarefas vitais de toda a vanguarda é conseguir o máximo de federativização desta luta.

. as formas de luta adequadas

Temos agora, em segundo lugar, o problema das formas de luta adequadas à situação actual na faculdade.

Constituirá a Greve Geral uma forma indispensável de luta, ou constituirá apenas uma forma mais poderosa entre outras menos poderosas mas também aceitáveis como por exemplo as greves intermitentes?

Ora a greve intermitente não é uma forma de luta aceitável, neste caso, por duas razões:

1º lugar - permitindo a existência de aulas, dá origem a que se levantem logo montes e montes de problemas, cuja solução dificilmente é integrada na luta pela defesa dos colegas presos e suspensos; força rapidamente (e prematuramente) a passagem à fase das lutas de curso ou seja, por outras palavras, pulveriza e afoga a luta actual num mar de lutazinhas.

2º-lugar- despreza o carácter muito especial das prisões e suspensões preventivas (ausência prolongada de interrogatórios ou seu carácter rotineiro que demonstra que ainda não sabem bem de que hão-de acusar; pretextos claramente ridículos e extensão do número de suspensões), carácter este que permite uma vitória efectiva com base na paralysação da Faculdade -- preço demasiado caro para as autoridades em relação às vantagens que retira do prolongamento das suspensões preventivas e das prisões.

Ora as greves intermitentes não são um preço demasiado caro.

Por isso, a greve intermitente nunca é mais que uma solução transitória e instável: ou leva à Greve Geral, através de um bom trabalho de mobilização, ou leva à pulverização e afogarda luta.

Distinga-se bem isto de outras situações; alturas em que as greves intermitentes são de facto accitáveis (estáveis) como formas de luta, muito embora inferiores a outras. É esse, por exemplo, o caso da luta de apoio ao Comercial e Industrial e de há dois anos, e poderá ser o caso futuro dos processos disciplinares, tal como foi aprovado na R.G.A.

Sobre isto, não há que ter ilusões. Não se trata de saber se é ou não muito difícil de conseguir manter uma Greve Geral actualmente; trata-se de perceber que a não ^{conseguirmos} conseguir, não só deixamos as mãos livres à repressão como enfrentaremos condições muito difíceis (6) na luta futura.

Voltemos à análise do princípio desta alínea: perante esta situação, trinta suspensões e três dirigentes presos, corresponde ou não corresponde a um potencial elevado de mobilização? Corresponde. Não conseguir uma Greve Geral, é pois deixar o caminho aberto à repressão.

Não há que ter dúvidas sobre se corresponde ou não a um elevado potencial de mobilização; isso prova-se pela observação das lutas dos últimos anos. O facto de esse potencial surgir muito difícil de efectivar em luta, em virtude das condições concretas da Faculdade actuais, só mostra a amplitude das tarefas da vanguarda: esclarecendo, informando, preceptivando, e organizando.

AO TRABALHO !

(6) nomeadamente, uma diminuição ainda mais drástica da nossa margem de manobra legal, entre outras coisas.

TEXTO POLÉMICO Nº 2

QUESTÕES SOBRE A CONDUÇÃO DO TRABALHO ASSOCIATIVO

I - A moção aprovada pelos estudantes de Lisboa no Plenário afirma que "os reformistas estão gravemente implicados no assassinato" de Ribeiro Santos. Em que se baseiam tais afirmações?

Os factos que levaram os estudantes de Lisboa a condenarem a actuação da direcção reformista da AEISCEF, e a considerarem-na implicada no assassinato de Ribeiro Santos foram:

- 1) o ter permitido a "convocação" dos dois pides para libertarem o bufo pois o telefonema que os chamou foi feito na frente da direcção reformista da AEISCEF;
- 2) o ter dialogado amigavelmente com os dois pides e ter entrado na sala onde se realizava um meeting com eles, como se fossem dois colegas;
- 3) o terem aconselhado "calma!" quando os estudantes pretendiam "dar aos elementos, que diariamente torturam e matam os melhores combatentes do Povo português, o tratamento que eles mereciam" (Aos estudantes 24/10/72), isto motivou certa agitação de alguns estudantes no justo ataque aos pides e só um pequeno número caiu sobre eles deixando-lhes margem de manobra suficiente para poder puxar da pistola;
- 4) o ter sempre agido em antagonismo com a posição bem clara dos estudantes presentes no meeting de que "com pides não se dialoga".

II- Um comunicado dos estudantes de Lisboa afirma que "a luta continuou não só contra a repressão governamental mas também contra os reformistas que fazem o jogo da repressão" (Aos estudantes 24/10/72). Como é que se traduziu na prática a sabotagem reformista?

"As lutas dos estudantes nos últimos dias nas ruas, informando o Povo, gritando slogans anticoloniais, clamando vingança pela morte de Ribeiro Santos, são lutas não pacifistas em que os reformistas não estão interessados. Elas só poderam ser levadas para a frente porque os estudantes mais activos ultrapassaram a RIA e tomaram a mão do processo. Mau grado as tentativas dos reformistas, a luta não voltou mais para trás tendo estes perdido completo as esperanças que tal sucedesse. Por isso mesmo tem-se dedicado a sabotar as lutas que os estudantes progressistas têm levado para a frente. Por isso não organizam a informação à população; por isso tentam fazer aprovar propostas de levantamento dos boicotes a exames (como tentou a Direcção do Técnico), por isso não estão presentes nas manifestações que os estudantes têm levado para a frente; por isso dizem em Santos aos estudantes para irem rapidamente para o Cemitério da Ajuda, de eléctrico ou de táxi,

tentando assim impedir que eles participem nas três manifestações que arrancaram de Santos, informaram o povo e mantiveram combates com a polícia na rua; por isso tentam no Plenário desviar a luta dos estudantes da questão do assassinato do nosso camarada para a colocar a reboque da reabertura das Associações e da libertação dos estudantes presos; por isso quando no último sábado o meeting no Técnico foi transferido para Económicas (e embora um membro da direcção do Técnico soubesse quem tinha dado a palavra de ordem) elementos da direcção do Técnico começaram a dizer que a palavra de ordem era provocatória, que Económicas estava cercada pela polícia, que era uma cilada, que os estudantes deviam mas é manter-se pelos cafés da zona para saberem o resultado da conversa do director Sales Luis com a direcção, isto é, os estudantes em vez de, tal como fora definido em Plenário se organizarem e informarem o povo comparecendo no meeting, deviam mas é ficar quietos para saberem os resultados das conversas de gabinete!

Esta tem sido a contribuição dos reformistas para a luta dos estudantes durante este processo."

(" A actuação de "dirigentes" reformistas", Aos estudantes, 24-X-1972)

III- Foram distribuídos no Porto vários comunicados sobre a luta dos estudantes de Lisboa assinados quer pelas direcções reformistas (Engenharia e Medicina), quer pelo grupo anti-associativo "Organizemo-nos na luta", que ocultavam deliberadamente factos importantes ocorridos durante as lutas em Lisboa. Porquê esta censura e esta deturpação de dados?

A ampla luta de massas dos estudantes de Lisboa foi, para todas as orientações oportunistas que pretendem conduzir o movimento sindical, um verdadeiro revelador. Tanto os reformistas, como os anti-associativos liquidadores da luta sindical mostraram a sua verdadeira face, ao alterarem as informações, ao esconderem dados, e ao quererem tirar das lutas de Lisboa um apoio para posições que os próprios estudantes de Lisboa combatem com toda a clareza.

1- Vejamos o caso dos reformistas que escreviam como uma das palavras de ordem dos seus comunicados "Por uma informação verdadeira". Será uma "informação verdadeira" ter escondido aos estudantes do Porto a Moção aprovada no Plenário que define a orientação anti-reformista da luta e que aponta a responsabilidade dos reformistas no assassinio de Ribeiro dos Santos? Será uma "informação verdadeira" ter escondido aos estudantes do Porto e ao povo do norte do país os comunicados à população aprovados pelos estudantes em Plenário? Será uma "informação verdadeira" ter escondido aos estudantes do Porto a atitude de traição da direcção reformista da

AEISEEF que levou ao assassinato de Ribeiro dos Santos, e a da direcção reformista AEIST que fureu a greve dos estudantes de Lisboa em troca da negociação da abertura da AE ? Será uma "informação verdadeira" ter mentido quanto ao caracter anti-burguês (Veja-se a moção do Plenário) da luta dos estudantes de Lisboa, reduzindo-a à luta "pelo castigo dos assassinos", "pela reabertura das AEs" e "pela libertação dos estudantes presos"?

Tão claro é o conteúdo da luta de Lisboa, tão expressivas são as posições dos Plenários ("os estudantes de Lisboa reunidos em Plenário reafirmam expressamente os objectivos anti-reformistas e anti-burgueses da sua luta e o seu desejo de a por ao serviço da luta da classe operária"), que para os reformistas a luta dos estudantes de Lisboa é um verdadeiro ferro em brasa. Defensores extra-zelosos dos princípios do movimento associativo que transformaram em dogmas desprovidos de sentido e que aplicam abstratamente para melhor o destruir, vemo-los a tomar atitudes anti-democráticas como seja esconder e mistificar as posições maioritárias dos estudantes de Lisboa no seu órgão supremo de decisão, o Plenário, e a tudo fazerem para impedir que a unidade com princípios dos estudantes de Lisboa, seja alargada a nível nacional. Nunca como neste momento o oportunismo dos reformistas foi tão evidente e a sua traição mais consumada.

É preciso utilizar o mais amplamente possível a informação sobre as lutas de Lisboa para dogmatar os reformistas e enterrar-lhes nas mãos cada vez mais, o ferro em brasa da sua grave responsabilidade no assassinato de Ribeiro dos Santos e da sua traição de toda a luta subsequente:

2- O grupo anti-associativo e liquidador da luta sindical que se intitula "organizemo-nos na luta" tentou aproveitar-se da luta dos estudantes de Lisboa para justificar as suas posições. Nos seus comunicados utilizaram-se da seguinte argumentação oportunista: a luta dos estudantes de Lisboa assumiu formas avançadas, Travou-se fora das escolas e ultrapassou o caracter sindical do movimento, logo, o movimento sindical dos estudantes é reformista, as lutas de escola seja qual for o seu conteúdo são reformistas e as AEs são na sua essência, independentemente das orientações que as dirijam, baluartes da reacção, etc, etc.

Com este tipo de argumentação justificavam de golpe todas as posições que defendiam no Porto, indo buscar à luta dos estudantes de Lisboa o argumento de autoridade que lhes faltava. Claro que as coisas não eram tão simples e para que este golpe resultasse bem era preciso esconder o que realmente se passava e deformar os dados da realidade.

Vejamos alguns exemplos de como estas falsificações foram realizadas:

Os estudantes de Lisboa travam uma luta que assume aspectos sindicais e aspectos políticos e que se trava em ambos os terrenos, um não excluindo o outro, e completando-se. Devido ao caracter da luta motivada pelo assassinato de Ribeiro dos

Santos, esta passou-se a ser no terreno da luta sindical, quer no terreno da luta política, assumindo formas e conteúdos diferentes num caso ou noutro. No entanto a passagem de uma luta do terreno de acção sindical ao da luta política, não implica que se abandone esse terreno ou que se considere que a acção sindical se torne por tal facto reacçãoária. Do mesmo modo se a acção não se circunscreve às AEs, sindicatos estudantis, isto não quer dizer que estas se tornem por isso "instrumentos da burguesia". É evidente que os estudantes de Lisboa nunca aceitaram estas posições nem fizeram estes raciocínios, mas para os liquidacionistas da luta sindical isto não tem importância: eles fazem-no em nome deles.

Que pretendem com isto os liquidacionistas?

Confundir deliberadamente os estudantes; os liquidacionistas obcecados pelo seu anti-associativismo, pretendem combater o movimento associativo do Porto que luta por um ensino ao serviço do povo, Colocando um sinal de igualdade entre direcções associativas e "direcções reformistas" escondem que existem diferentes orientações associativas, e em particular, que no Porto como em Lisboa existem direcções associativas não reformistas, cuja luta contra o reformismo, por um ensino ao serviço do povo, é apoiada por largas massas dos estudantes. Por outro lado o facto de haver lutas de rua e o facto de a grande maioria das lutas das massas dos estudantes se terem travado fora das escolas não significa que estes passem a considerar as lutas de escola-reformistas em essência ou que todas as lutas estudantis para serem consideradas conseqüentes devam ser lutas de rua. Como eles tomam a posição metafísica de considerarem as AEs e o terreno de actuação sindical reacçãoários "em si", tornava-se-lhes incómodo lerem no final do comunicado aprovado no Planário de 16-X-1972 a afirmação dirigida aos trabalhadores da solidariedade na luta comum por parte dos estudantes "que lutam por um ensino ao serviço do povo". Como esta luta dos estudantes "por um ensino ao serviço do povo" se trava também nas AEs e no movimento sindical, é difícil ver como os liquidacionistas que afirmam que os estudantes de Lisboa os apoiam a eles e à sua orientação anti-associativa, a conjugam com a afirmação de que as AEs são instrumentos da dominação da "burguesia no seio dos estudantes" pretendendo lançar a confusão misturam a luta dos estudantes de Lisboa contra a orientação reformista, com as suas ideias anti-associativas pretendendo fazer passar uma coisa por outra. O seu método tem sido sempre aproveitar-se da reacção dos estudantes ao reformismo para a lançar contra o movimento sindical, dizendo que "direcções reformistas" e "direcções associativas" é tudo a mesma coisa. Aproveitam-se do atraso da mobilização do movimento associativo do Porto, de que os reformistas e eles pró-

prios são os grandes responsáveis, para tomar a falta de apoio de massas que as AEs têm como um sinal de que as massas já as teriam ultrapassado na prática e afirmando que se meia dúzia de "reformistas" estariam agarrados a este mito. Escondem assim a responsabilidade dos reformistas e da sua linha colaboracionista e burocrática na existência deste estado de coisas, escondem a sua própria responsabilidade ao contribuir pelo anti-associativismo primário e pela liquidação das lutas sindicais, para que tal estado de coisas não se altere. A prática anti-associativa que os levou ao demissionismo e à entrega passiva da condução da luta a algumas escolas ao reformismo, as suas ideias anti-organizativas e os seus métodos espontaneístas de actuação não tem nada a ver com os estudantes de Lisboa. O golpe que tentaram ficar sem efeito, o qualquer estudante que saiba o que se passa em Lisboa compreende que o liquidacionismo na sua embalagem recente no Porto, já há muito se manifestou em Lisboa e com consequências bem funestas para o movimento dos estudantes.

Analisar e criticar de modo vivo a experiência de Lisboa, mostrar a crítica viva dos estudantes de Lisboa ao liquidacionismo anti-associativismo e aos métodos espontaneístas, tirar das lutas recentes a lição de saber quem ficou para trás e quem avançou, e tentando sempre aplicar à nossa prática concreta dos ensinamentos aí colhidos - esta é a melhor maneira de no momento actual lutar contra as concepções incorrectas na condução do movimento associativo na base da experiência da luta dos estudantes de Lisboa.

(in Que Fazer?, Boletim dos colaboradores - Por um Ensino ao Serviço do Povo).

Porto.